

## Artigo Original

---

### O LUTO DA GRAVIDEZ PERDIDA: INFERTILIDADE X ADOÇÃO

*Fernanda Donato Mahl (1)*

*Fernanda Pires Jaeger (2)*

*Naiana Dapieve Patias (3)*

*Ana Cristina Garcia Dias (4)*

#### Resumo

Este estudo procurou compreender as experiências das mulheres que aguardam a adoção do primeiro filho, investigando suas motivações e questionamentos face a situação de adoção. Para isso foram entrevistadas oito mulheres que estão habilitadas para adoção de uma criança, no cadastro da Comarca de Santa Maria/RS. O material obtido foi submetido a uma análise de conteúdo. Observou-se que a adoção de uma criança esteve principalmente relacionada ao conflito gerado pela impossibilidade de gerar um filho. As entrevistadas demonstraram sofrimento frente à referência da gestação não concretizada. Nesse sentido, observa-se uma série de questionamentos dessas mulheres quanto à parentalidade adotiva. Percebe-se que algumas entrevistadas não conseguiram ainda elaborar a impossibilidade de ter um filho biológico, sendo que elementos dessa falta de elaboração transparecem quando relatam as características que desejam no filho adotivo. A idéia de adoção surge então, em um contexto de reparação da situação de infertilidade. Essa questão suscita a necessidade de reflexão sobre o ato de adotar, especialmente pensando nas implicações dessa situação para a saúde mental da criança e da família que a acolhe.

**Palavras-Chave:** Adoção, Infertilidade, Maternidade

#### Introdução

O desejo de ser mãe e gerar um filho é compartilhado por um grande número de mulheres em nossa sociedade. Nota-se que historicamente existe o discurso de que para ser mulher deve-se ser mãe (BADINTER, 1985). Isto é, há uma forte ligação entre feminilidade e maternidade, sendo que aquelas mulheres que se contrapõem a esse discurso (seja pela impossibilidade biológica de gestar ou pela opção por não ter filhos) podem ser vistas como diferentes sofrendo com isso (PATIAS; BUAES, 2009).

De fato, parece que uma das características essenciais do feminino é o desejo de procriação e continuidade por meio da experiência da maternidade (LEVINZON, 2004). Este fato é reforçado por fatores psíquicos e sócio-culturais, que fazem do desejo feminino de ter um filho, algo naturalizado. Tal desejo também se insere em um campo psíquico com significações inconscientes, sendo o projeto de ter um filho também carregado de investimentos narcísicos (RIBEIRO, 2004).

No entanto, a concepção de maternidade relacionada às idéias de amor incondicional e destino feminino natural foi um mito construído historicamente, através de diferentes discursos filosóficos e políticos presentes no século XVIII, pois nem sempre a mulher desejou ter filhos ou se ocupou dos mesmos (ÁRIES, 1981,

BADINTER, 1985). Na atualidade, um exemplo disso é demonstrado no estudo realizado por Patias e Buaes (2009) com mulheres que optaram por não serem mães, pois não desejavam ser. De fato, todas as seis mulheres entrevistadas relataram que, durante a infância e adolescência, enquanto suas amigas demonstravam desejo de serem mães, seja através de brincadeiras ou conversas, essas mulheres entrevistadas nunca apresentaram esse mesmo desejo ou ações.

Destaca-se, dessa forma, a importância que os mitos têm, e a influência que exercem sobre os comportamentos sociais, pois, são eles que dão ordem e significação às experiências cotidianas das pessoas em determinada época. Os conceitos de boa mãe são ilustrados por crenças que compõem o imaginário social. Assim, sugere-se que o mito do amor materno surgiu para atender interesses econômicos e sociais, além de políticos (BADINTER, 1985). Foram diretamente influenciados pela cultura, pelos discursos produzidos, sendo transmitidos de geração em geração. Os mesmos são a base para a constituição do sistema familiar, uma vez que a manutenção dos mesmos perdura até hoje (MOTTA, 2001).

A maternidade é percebida como algo natural ao feminino, sendo essa noção construída ao longo dos séculos, principalmente na modernidade com a construção de um ideal de família como núcleo de afeto, composto por marido, esposa e filhos (ARIÉS, 1981). Contudo, atualmente, surgem novos arranjos familiares como, por exemplo, casais sem filhos, que demonstram que a mulher e até mesmo o homem podem escolher não ter filhos (MANSUR, 2003; PATIAS; BUAES, 2009). Por outro lado, há mulheres que desejam, mas não podem ter filhos em função de uma impossibilidade biológica de gestar, como é o caso das entrevistadas nesse estudo, que buscam a situação de adoção para concretizar o ideal da maternidade.

Nesta situação, a capacidade de procriação é negada à mulher, e o corpo desta, representado como promessa de bebês, é confrontado com o fato de não gerar vida (MCDOUGALL, 1997). A interdição da gravidez é sentida pela mulher como uma ferida narcísica, que abala seus referenciais identificatórios, já que a maternidade parece ser um importante elo na construção da identidade feminina em nossa sociedade (RIBEIRO, 2004).

O presente trabalho tem como objetivo compreender as experiências, motivações e questionamentos das mulheres que aguardam na fila para adoção do primeiro filho.

## **Método**

O presente trabalho apresentou um delineamento qualitativo que buscou trabalhar com o universo de significados, opiniões e atitudes envolvidos no fenômeno estudado (MINAYO, 1997). Considera-se que a subjetividade envolvida no fenômeno é construída a partir da história e do cenário (tempo/espaço) no qual o indivíduo encontra-se inserido, sendo que está em constante desenvolvimento, pois é sensível à qualidade dos momentos culturais (REY, 2002).

Foram entrevistadas, em profundidade, oito mulheres que se encontravam habilitadas à adoção no cadastro da Comarca de Santa Maria/RS. Essas mulheres possuíam idade entre 31 e 43 anos de idade, todas casadas aguardando a adoção do primeiro filho, à pelo menos seis meses. O número de participantes de participantes foi determinado pelo critério de saturação das informações (BAUER; GASKELL, 2002).

As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise. As mesmas foram submetidas a uma análise de conteúdo. Minayo (1997) observa que a função da análise das informações diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. Através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas das questões formuladas. Foram adotados os procedimentos sugeridos por Bardin (1977). Esse autor considera que desde o texto literário passando pelas entrevistas e os discursos, tudo é suscetível de ser analisado, uma vez que o objetivo da técnica é aprofundar a análise dos conteúdos, das informações prestadas pela pessoa que forneceu os dados.

Destaca-se que esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Franciscano com Registro na CONEP: N° 1246 e Registro CEP-UNIFRA: 341.2008.3, estando de acordo com todos os princípios éticos propostos na resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96 de pesquisa com seres humanos.

## **Resultados e Discussões**

As vivências anteriores à decisão de adoção podem ser divididas em duas subcategorias: a primeira, que trata do período de dificuldades e frustrações frente às tentativas de concepção natural e artificial descritos por todas as participantes; a segunda, por sua vez, refere-se aos sentimentos de dúvidas quanto à possibilidade da adoção trazer resultados satisfatórios para o exercício da maternidade, uma vez que existem receios em face deste tipo de filiação. Desta forma, foram identificadas nas falas das participantes as seguintes categorias: *Luto da gravidez perdida: a esterilidade como pano de fundo para adoção e O laço de sangue: será que adoção funciona?* Na primeira categoria são descritos os sofrimentos frente à gestação não concretizada, indicando que a busca pela adoção é percebida como uma solução para a impossibilidade de gerar. A segunda categoria, por sua vez, refere-se às preocupações demonstradas pelas participantes em relação à bagagem genética da criança; também são descritos os sentimentos ambivalentes que essas mulheres enfrentam face ao processo de espera pela adoção.

### **Luto da gravidez perdida: a esterilidade como pano de fundo para adoção**

A partir da análise das falas das oito participantes dessa pesquisa foi possível identificar que todas vivenciaram algum tipo de sofrimento por não conseguirem engravidar. Logo, não procuraram a adoção como primeira opção para a realização da maternidade. Antes de buscar a alternativa de adoção, muitas mulheres se submeteram a exames e tratamentos médicos, sendo comum à referência a longos históricos de tratamentos para engravidar. Além disso, algumas esperaram e realizaram diversas tentativas de gestação biológica que não se concretizou. Em alguns casos, houveram diversas situações de abortos naturais. Observa-se então que apenas após esgotar todas as possibilidades de uma concepção natural e/ou artificial, a adoção despontou como última alternativa para essas mulheres se tornarem mães. Weber (2004) encontrou uma situação similar em seus estudos sobre adoção, onde destacou que apenas depois de exaurir todas as possibilidades de uma concepção natural ou artificial, a adoção é vista como uma alternativa para a maternidade.

A adoção pode ser uma das formas encontradas para suprir o desejo de ser pai e/ou mãe quando, por problemas orgânicos ou psicológicos, uma gravidez biológica não é viável (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006; WEBER, 2004). Através das falas das entrevistadas foi possível perceber este fato, pois, como vimos a trajetória percorrida antes da decisão de adotar abrangeu gestações naturais fracassadas, situações repetitivas de aborto natural e tentativas de inseminações artificiais sem sucesso, que geraram sofrimento.

Observa-se que, muitas vezes, a esterilidade de um dos cônjuges é revelada nas tentativas de engravidamento (LEVINZON, 2004). A seguir observamos os sentimentos dessas mulheres.

É muito ruim, tu fica numa ilusão! Tu acha que vai conseguir engravidar, e tchum se foi toda esperança. É muito triste, te corta o coração. Tu via aquilo ali ir ralo a baixo, e tchum quando via tinha que pagar e não dava certo. É até melhor esquecer, por que pra mim dói bastante. (LUÍZA)

Mas é um desgaste emocional muito grande pra gente. Por que faz medicação, daí faz ultrassom pra ver como estão os óvulos. Tem tudo um período que tu fica assim, será que tô fértil ou não? Faz injeção, produz óvulos, vê como tá a produção deles. Então é um desgaste. Tu fica com muita expectativa e não ovula, isso é muito triste. (ANA)

Nas falas, percebe-se a desilusão e as conseqüências negativas emocionais e materiais que essas tentativas frustradas geram nas mulheres. Braga e Amazonas (2005) afirmam que tratamentos médicos para engravidar provocam um desgaste físico e psíquico muito grande nos indivíduos que o realizam. Ocorre, até mesmo, uma mistura de sentimentos, tais como: angústia, esperança e frustração.

Zibini e Vasconcelos (2006), por sua vez, revelam que a maioria das pessoas desiste de dar continuidade ao tratamento de fertilidade devido a vários fatores, tais como os apresentados por Ana e Luíza nessa pesquisa: estresse físico/emocional e fatores financeiros.

As entrevistadas pensaram e planejaram ter seu primeiro filho biológico, passando pela experiência da gestação, contudo isso não é possível, o que lhes gera ansiedade e incerteza. De fato, Paiva (2004) afirma que o status de família biológica parece superar os esforços e os sofrimentos associados aos tratamentos médicos. Observe os depoimentos.

Depois de dois anos esperando na fila eu aceitei, fazer o que né? Agora tô na fila, a gente dança conforme a música. O corpo também cansa, não é só a cabeça entende? (TÂNIA)

Eu queria ter o meu de barriga, tentei, tentei, até o médico me dizer que não ia dar. Então optei por adotar. (ROBERTA)

Depois que casei, pensei em ter primeiro o de barriga, e depois caso fosse, teria um adotivo, mas como ele não veio depois de várias tentativas, inverteu a ordem, agora estamos grávidos esperando o adotivo. (LETÍCIA)

A adoção parece ser efetivamente a última alternativa, quando o corpo e mente se mostram cansados. As participantes demonstraram que esgotaram todas tentativas possíveis de gestação, realizando diferentes esforços e sacrifícios, que geram para o casal desgaste emocionais.

Muitos casais realizam uma verdadeira epopéia de tratamentos, que podem durar anos, até que recorrem à adoção. Sendo assim, nota-se certa resistência à adoção, especialmente nos momentos que precedem à decisão (LEVINZON, 2004). Alguns casais que buscam a adoção já conseguiram entrar em contato com o sofrimento de sua esterilidade e estão reformulando seu projeto familiar por meio da adoção, porém, outros, apresentam maiores dificuldades em lidar com a infertilidade, sendo a adoção percebida não como uma escolha, mas sim a alternativa à falta de opção (ZIBINI; VASCONCELLOS, 2006).

Por ser uma experiência caracterizada por sofrimentos acentuados, como afirma Ribeiro (2004), Tânia encara o luto de frente.

Eu sofri muito nas tentativas de engravidar, eu tive dois abortos e perdi, sofri, fiquei afastada do trabalho, tomei remédio para depressão. Tinha dias que eu caía de cama de tanta tristeza. Ainda não sei por que não dá pra eu ter filhos, ainda não sei por que. (TÂNIA)

Hamad (2002) observa que o luto da gravidez perdida, geralmente, é feito no momento em que os candidatos buscam adoção, sendo positivo expressá-lo durante esse período. As futuras mães adotivas têm que vencer a falta de um estado de gravidez que as prepararia para a chegada de um filho biológico (LEVINZON, 2004); elas devem também ultrapassar esses sentimentos de incapacidade gerados pela não gravidez.

Ribeiro (2004) acredita que o fato de não gestar provoca uma profunda ferida narcísica nessas mulheres que gostariam de ter filhos, e não os tem. Sentimentos de tristeza e angústia acompanham uma vivência traumática, como podemos observar a seguir.

Engravidado normal, mas eu tenho aborto de repetição, sempre com nove semanas, dois meses, eu aborto. Tive 3 abortos em dois anos. Quando eu ia fazer o ultrassom ele já estava morto. Me dava tipo umas depressões, ficava o dia inteiro deitada, isolada, ficava chorando, extremamente mal toda vez que abortava. É difícil de encarar todas essas perdas que eu tive, sem sofrer. (LETÍCIA)

Podemos afirmar, então, que a impossibilidade de realização da maternidade é um evento de múltiplas facetas. Cabe lembrar que existem outras perdas, além da perda da fertilidade e a da experiência da gravidez, deve-se realizar o(s) luto(s) pelo(s) filho(s) abortado(s). Segundo Raphael-Leef (1997), essa situação desordena a auto-imagem feminina, sendo freqüentemente acompanhada de um profundo sentimento de ineficiência.

Mesmo que seja difícil para a mulher lidar com questões como a infertilidade, no caso de Ana, abortos progressivos, a exemplo de Letícia, essas questões devem ser resolvidas antes da concretização da adoção. Ghirardi (2005) afirma que as experiências de perdas e lutos não elaborados podem propiciar um grande distanciamento entre o filho desejado e o filho possível na situação de adoção. A autora ressalta que a criança fica reservada em um lugar de estranheza no imaginário dos pais, que sentem dificuldade em acolhê-la como filho. Desse modo, afirma-se a importância de uma escuta diferenciada aos candidatos à adoção, para que possam emergir determinadas dificuldades nos momentos precedentes ao recebimento do bebê, para que se evite futuramente a rejeição da criança, ou dificuldades maiores para lidar com a mesma.

Percebemos ainda que a tentativa por gerar um filho biológico foi persistente na história dessas mulheres. Levinzon (2004) aponta que na fase de tratamentos para a fertilidade, muitas mulheres se encontram em um período de negação da realidade. O casal, ao não conseguir lidar com seus sentimentos de desapontamento, fecha os olhos para a situação, buscando a construção de uma outra realidade – a do filho biológico (obtido através de diferentes procedimentos para promover a fertilidade). Isso pode ser notado nas falas das entrevistadas.

### **Será que adoção funciona? Pensando sobre os laços de sangue**

A adoção nos dias atuais é definida como uma possibilidade de se constituir família, que pode trazer resultados satisfatórios tanto quanto uma filiação biológica (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006). Porém, foram percebidos sentimentos ambivalentes nas participantes face a essa realidade; dúvidas e medos foram expressos quanto à adoção do primeiro filho.

Um estudo realizado por Costa e Ferreira (2007) revela que pessoas que buscam adoções no Brasil estão fortemente marcadas por concepções de maternidade e família, que valorizam o modelo biológico de parentalidade e dos vínculos sanguíneos. Essas pessoas, de alguma forma, procuram reproduzir essas relações no ato da adoção, buscando crianças com características físicas que se aproximem do pai e mãe adotivos. As mães desse estudo também demonstram preocupações com características físicas e psicológicas da criança, desejando que a criança pareça fisicamente com elas.

Sou negra, meu marido é negro, ai se eu pegar uma criança branca vai ficar muito gritante. Por que as diferenças ficam muito grandes se eu adotar uma loirinha ou vermelhinha. Eu quero ter a convivência desde cedo, de ver que ela será parecida com a gente. E também a gente deseja que seja educada por nós, ainda quando pequena. (RENATA)

Além da preocupação com a aparência, as entrevistadas demonstraram preocupações em relação à bagagem genética da criança. As mulheres entrevistadas observam que, na maioria das vezes, os pais biológicos são desconhecidos. Desta forma, consideram que informações importantes sobre as características herdadas da criança ficam perdidas. Nesse sentido, os pais se deparam com um “vazio” que passa a ser preenchido por dúvidas e anseios sobre o futuro da criança (LEVINZON, 2004). Veja as falas.

No início eu não queria, queria tentar pelo natural. E assim oh, pensava: mas bah uma criança que não é meu filho nem nada, como é que vai ser? Não é meu sangue nem nada? Será que não vou me incomodar futuramente? (ROBERTA)

Eu tive dificuldade em aceitar que ia adotar. Eu achava que estas coisas de pegar filho de outra mulher não dava certo. Mas e quem não quer ter um filho que veio de ti? Que tu pode chamar de teu? Agora já aceitei melhor. Por que o que a gente não faz para ter filho? (TÂNIA)

Weber (2004) indica que no Brasil cultua-se um forte sentimento que prioriza e valoriza em demasia os laços de sangue e a pertença dos filhos com os pais. Conforme a autora existe especificidades antes da decisão da adoção e diferenças que precisam ser compreendidas, elaboradas e assumidas pelos pretendentes a adoção. Nesse sentido, observamos as ambivalências presentes nas falas desses pais: *“uma criança que não é meu filho, nem nada”* ou ainda *“quem não quer um filho que veio de ti?”*.

Encontramos no imaginário dessas mulheres a representação de que os laços biológicos são mais seguros e fortes do que os laços de afeto. De fato, Paiva (2004) observa que ainda hoje é muito forte a idéia de que a vinculação entre pais e filhos, por excelência, ocorre a partir dos laços de sangue. Desta forma, as participantes que compartilham dessa crença se questionam: o que assegura a maternidade no caso da adoção? Estas mulheres se questionam até que ponto serão realmente “mães” daquela criança que pretendem adotar.

Além disso, observamos que as questões culturais e da família de origem também influenciam o processo de adoção, naturalizando-o ou provocando seu estranhamento. Pode-se perceber tranquilidade e até certa “naturalização” dessa experiência na fala de uma participante, que conviveu com essa experiência desde sua infância. Por ter vivenciado a experiência de adoção na própria família, bem sucedida, a entrevistada parece aceitar de forma mais tranqüila a impossibilidade de gerar um filho biológico.

Eu tenho na minha família primos adotados, então é uma coisa super rotineira na minha vida. Eu tenho exemplos bem sucedidos de criação, e isso me tranqüiliza muito, muito. É uma relação ótima que tenho desde pequena, que aliou ainda mais essa vontade de adotar a minha. (ÂNGELA)

Percebe-se então que é importante que os familiares também sejam preparados para a adoção, pois estes desempenharão importante papel na vida da criança adotada, como ressaltam Schettini, Amazonas e Dias (2006). Os autores observam que a adoção redefine as relações da família extensa. Portanto, esta, da mesma forma que a família nuclear, pode contribuir para a adaptação da criança e para o sucesso da adoção. No caso de Ângela percebemos que sua família apóia a adoção, realizando investimentos afetivos significativos em face de essa experiência.

### **Considerações Finais**

A realização desta pesquisa permitiu conhecer outro aspecto da adoção, sendo visto a partir do período que precede tal fato. Frente a isso, neste artigo buscou-se perceber como as mulheres vivenciam a espera pelo primeiro filho, não priorizando o vínculo com a criança e nem seu ajustamento à família adotiva, e sim, os sentimentos da futura mãe adotante e suas vivências anteriores neste tipo de filiação.

A partir dos resultados, pode-se afirmar que o momento de espera pela maternidade adotiva do primeiro filho é permeado por dúvidas e incertezas, somado a frustrações das tentativas de engravidamento fracassadas. Esse fato causou impactos psíquicos para muitas mulheres, pois, esta experiência revelou grande influência nas

vivências das mesmas, sendo que os sentimentos vinculados a infertilidade parecem tornar o processo de adoção mais doloroso.

Neste contexto, a infertilidade mostrou-se uma imposição a mais para estas mulheres, além da indeterminação do tempo de espera da adoção – todas as mulheres estavam na aguardando há vários anos, a pretendente com menor tempo de espera é um ano e o maior é de seis anos. As dificuldades advêm de vários aspectos. Primeiro, por que são cobradas socialmente para a maternidade, sendo que ainda existe a concepção de que para ser mulher, tem que ser mãe. Segundo, por que muitas mulheres não conseguiram aceitar facilmente a adoção. Os sacrifícios e os esforços para ter um filho biológico foram aspectos percebidos claramente ao longo da pesquisa, sendo a espera pela adoção cercada de dúvidas e medos quanto à sua eficácia.

A partir dos relatos, podemos afirmar que a infertilidade interferiu na realização dos ideais de maternidade, sendo que as entrevistadas revelam o desejo de concepção natural (filho biológico). Como ocorreu dificuldade de procriação, o sofrimento relativo à impossibilidade de gestar se tornou mais evidente, sendo que o motivo da adoção está centrado na interdição biológica.

A questão da filiação adotiva aparece repleta de ambivalências. De fato, observam-se preocupações quanto à herança genética que a criança traz consigo, pois, a cultura dos laços de sangue é muito presente no imaginário sobre filiação. No entanto, é importante ressaltar que esse fato é socialmente construído, já que se percebe que um filho de sangue nunca é perfeito. Assim, o luto pelo filho perfeito se dá da mesma forma, no biológico e no adotivo.

A maternidade perpassa nas falas das entrevistadas, no que diz respeito a seu futuro papel de mãe adotante. Questiona-se então: será que uma mulher que pode gerar filhos biologicamente optaria pela adoção do primogênito? Cabe salientar que novos trabalhos têm muito a contribuir com esse assunto, visto que, seria interessante compreender a vivência da maternidade adotiva, no caso de mulheres férteis.

A adoção de uma criança torna-se uma alternativa possível frente à impossibilidade de se ter um filho biológico, por que existe de fato uma saída diante da infertilidade. Porém, não isenta a existência de um luto, por uma ausência da experiência biológica e psicológica de gravidez, fato que se tornou evidente ao longo desta pesquisa. Nessa lógica, a filiação adotiva apresenta peculiaridades, de acordo com a vivência anterior da mulher. Por vezes as adotantes estão vivenciando a descoberta da infertilidade, ora situações repetitivas de abortos e outras, enfrentam tentativas de inseminações artificiais sem sucesso. E de fato, não conseguiram elaborar a impossibilidade de ter um filho biológico, que se reflete nas características que desejam ao filho adotivo. Há na busca da criança adotada uma reparação para a situação de infertilidade, questão que suscita reflexão sobre o adotar e, suas significações, e conseqüentemente, implicações para saúde mental da criança e da família que a acolhe.

Este ponto merece destaque e atenção dos profissionais, por que é um período bastante difícil para estas mulheres, que sofrem com duas dificuldades aparentes: a infertilidade, e para algumas, a demora do processo de adoção. Desse modo, considera-se relevante os significados envolvidos na maternidade adotiva, pois, estas vivências podem repercutir diretamente no futuro, se este filho vier ocupar lugar de outro não gerado. Sendo assim, é importante um acompanhamento por profissionais que dêem suporte ao casal e que proporcione um espaço para refletir sobre a filiação adotiva, e todos os fatores que a envolve.

**Referências**

- ARIÉS, F. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRAGA, M.G.R; AMAZONAS, M.C.L.A. Família: Maternidade e Procriação Assistida. **Psicologia e Estudo**. Maringá, v.10, Janeiro/Abril, 2005.
- COSTA, N.R.A; FERREIRA, M.C.R. Tornar-se Pai e Mãe em um Processo de Adoção Tardia. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Ribeirão Preto, São Paulo v.20(03), p. 425-434, 2007.
- GHIRARDI, M.L.A.M. A presença da infertilidade no contexto da adoção. In: VOLICH, R.M.; FERRAZ, F.C.; RANNÃ, W. **Psicossoma IV - Corpo, História e Pensamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- HAMAD, N. **A Criança Adotiva e suas Famílias**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
- LEVINZON, G. **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MANSUR, Luci Helena Baraldo. **Sem filhos: a mulher singular no plural**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- MCDUGALL, J. **As Múltiplas Faces de Eros: Uma Abordagem Psicanalítica da Sexualidade Humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MOTTA, M.A.P. **Mães Abandonadas: a entrega de um filho para a adoção**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PAIVA, L.D. **Adoção: Significados e Possibilidades**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- PATIAS, N.D.; BUAES, C. S. Não têm filhos? Por quê? **Disciplinarum Scientia**, série Ciências Humanas, v. 10, nº 1, 2009.
- PEREIRA, R. C. **Direito de Família: Uma abordagem Psicanalítica**. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.
- RAFHAEL-LEFF, J. **Gravidez: a história interior**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- REY, F.L.G. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- RIBEIRO, M. F. R. **Infertilidade e Reprodução Assistida: desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- SCHETTINI, S.M.S; AMAZONAS, M.C.L.A; DIAS, C.M.S.B. Famílias adotivas: Identidade e Diferença. Dossiê. **Psicologia e Saúde**. V.11, 2006.
- WEBER, L. N.D. **Aspectos Psicológicos da adoção**. Curitiba: Editora Juruá, 2004.
- ZALCBERG, M. **A Relação Mãe e Filha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- ZIBINI, M.V.C.; VASCONCELLOS, C.B. Infertilidade e Adoção: algumas reflexões In: MELAMED, R.M.M.; QUAYLE, J. **Psicologia em Reprodução Assistida: experiências brasileiras**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

**Sobre as autoras:**

- (1) **Fernanda Donato Mahl** é Psicóloga, Especializanda em Psicopedagogia (UNIFRA), Santa Maria, RS. **E-mail:** fe.donato@hotmail.com
- (2) **Fernanda Pires Jaeger** é Psicóloga, Mestre em Psicologia (PUC-RS), Santa Maria, RS. **E-mail:** nandajaeger@hotmail.com
- (3) **Naiana Dapieve Patias** é Psicóloga, Mestranda em Psicologia (UFSM). **E-mail:** naipatias@hotmail.com
- (4) **Ana Cristina Garcia Dias** é Psicóloga, Doutora em psicologia Escolar e do Desenvolvimento (USP). **E-mail:** anacristinagarcias@gmail.com

**Como citar este artigo (Formato ISO):**

MAHL, F.D., JAEGER, F.P., PATIAS, N.D., DIAS, A.C.G. O Luto da Gravidez Perdida: Infertilidade x Adoção. **Id on Line Revista de Psicologia**. Julho de 2011, vol.1, no.14, p. 62-71. ISSN 1981-1189.